

# O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.



∞ O programa e conticções deste jornal encontrão-se na ultima pagina. ∞

## MODAS

**E** hoje o primeiro domingo do mez, minhas queridas leitoras, o domingo de todos os mezes deste anno, do outro que hade vir, e de muitos outros ainda, se á DIVINA PROVIDENCIA não determinar o contrario e vós tiverdes a bondade de continuar a ajudar-nos, em que eu tenho e terei o gosto de vos apresentar um figurino, segundo manda o programma da nossa Redactora em chefe, que a respeito de pontualidade ninguem lhe põe o pé adiante.

Desta vez portanto offereço-vos um figurino, que mais a propósito não podia vir para o nosso mez e meio da quarema; elle vos dá perfeitamente o lindissimo e muito elegante — traje de respeito — usado entre nós nestes dias de religiosa concentração. Este uso ou moda de longa data, que veio desde Hespanha até á nossa terra, e que com muita razão aqui se naturalisou, faz hoje o typo, dizemos assim, da brasileira

que se encaminha a visitar o TEMPLO DO SENHOR; a sua elegancia e gravidade, o seu bello effeito sobre qualquer cor ou idade, até mesmo nem ao estrangeiro pôde escapar, elle o admira e aprecia. E tanto assim é, que S. A. a Senhora Princeza de Joinville, consentiu que lhe tirassem o seu retrato em Paris — de véo e vestido preto — por pedido do seu esposo.

É por sem duvida um muito elegante toilette.

De mais, permittão as minhas queridas leitoras este pedacinho: o TEMPLO DO SENHOR, nos seus dias solemnes, com toda a preferencia deve ter as nossas attentões de toilette, que nós com tanta prodigalidade as distribuimos nas festas e cortejos ao mundo, não é assim?

Paris não segue esta moda, porque as suas instituições religiosas são outras, porque enfim não ha a solemnidade da SEMANA SANTA com as mesmas formalidades que entre nós se observa; daqui vemos, que as franquezas nestes dias não, como em outro qualquer, de seus chapeos, e nenhuma etiqueta

guardão no seu trajar, por isso que em o seu paiz não ha tal costume; ora nós, que estamos em nossa terra, e que a formalidade é outra, devemos continuar com a nossa moda. E se por acaso quize mos imital-as, imitemol-as antes na pe.se eança de seus cu tume .

Sim, minhas queridas leitoras, ao menos esse trajar, esse véo, tão elegante, tão adaptado á veneração de-seis dia em que a igre a rememo a os martyrios do REFORMATOR, li-quu, conserve-se inalteravel e seja — nossa moda.

Em vista do que fica dito, passo a dar-vos a explicação da estampa.

O vestido é decotado, de brilhante seda preta lisa, com a saia guarnecida de duas ordens de folhos de larga renda *quipure*.

Sobre o corpinho a Luiz XV, passando em vol a dos hom eros a simular o primeiro folho das mangas, de-se de cada lado uma estreita renda igual a dos folhos, e em fechar quasi morrendo no bico, deixando apparecer um peitilho de quatro ordens da mesma renda atravessadas.

As mangas são mui curtas e compostas de dois folhos da mesma renda.

Penteado simple, acompanhado de véo de renda preta, que se de-dobra por sobre a trança até chegar ao começo do primeiro folho da saia. Este véo para nada perder de sua graciosidade, deve ser pre-o todo em pregas no semi-circulo superior da trança, deixando-o cabir para traz de maneira que cubra metade da cabeça.

Os enfeites para os vestidos podem variar, segundo o bom gosto das elegantes, á vista do qe de mais moderno neste genero tem chegado á casa das nos-as primeiras modistas.

Fu citarei aqui, para os vestidos de grande luxo, as verdadeiras rendas de seda de Chantilly em duas, tres, quatro e cinco ordens de folhos; as rendas *quipure* bordadas de vidrilhos, que são de grande novidade e de nui lindo effeito; as rendas de lã de um admiravel trabalho, e as chamadas — rendas de imitação; — muito recommendaveis pela facilidade com que se prestão a qualquer enfeite.

Para os vestidos mais simples ha os enfeites de veludo, aliás de muito bom-tom, muito bonitos, cujo trabalho é da maior perfeição. As grades de veludo como são lin-

das! as fitas de encreopar, as adamacadas de todas as larguras e feitiós; os enfeites de veludo estampado, dispostos já em avental e berthe, produzem um effeito mui gracioso sobre o vestido de seda preta.

O vidrilho retomou o seu antigo dominio nos delicados enfeites modernos: elle sob e ae magnificamente hen-tre as rendas e nos botões de grande novidade que nos trouxe o ultimo paque e.

Enfim, vi-tem as nossas As igentes os primeiros armazens de modas, com-tem e familiarisem-se com as nossas modistas de primeira ordem, que ellas por certo te-ão nisso muito prazer. Não mandem, vão me-mo em pessoa, que assim melhor comprirão e alcançarão com mais facilidade as explicações de que carecerem.

Para sempre acabe o seligo costume de encarregarem ao pae, ao marido, aos irmãos e aos primos, e-as encomendas que elles chamão de — senhoras — e que le-ão a resmungar horas inteiras primeiro que as vão comprar, e por fim! fazem compras que poucas vezes sabem ao nosso gosto.

Quereis saber? é um grande favor que lhes faremos de cartando-os dessas commissões, que de em ser feitas só por nos.

Os mascates italianos... é boa gente; mas de em tambem ser demitidos do serviço das commissões: basta que lhes compremos suas fazendas, que já não é tão pouco.

Homens, comprem calças, casacas, rapé e charutos, que nós compraremos os nossos enfeites e as nossas fazendas. Salva as honrosas excepções desses homens *mullherengos* que sabem mais de agulhas e alfinetes, do que da ponta do seu nariz dois dedos para diante.

Senhora Redactora em chefe, hoje transgredi o meu dever; dirigi-me directamen e ás vossas assignantes, a quem muito de-o por terem esta familia de phrases mal alinhavadas, com a sua costumada bondade; não interpreteis que estou mal com-vosco por isso, ou porque não nos destes musica domingo passado. Bem sei que foi uma pequena collisão que fizestes entre as vossas assignantes para lhes offerecer cousa melhor e mui louvavel domingo que vem.

Bonsoi Mme. Noronha.  
Catete, 5 de março.

## Estudos.

### LIÇÃO II.

A par da liberdade deu-nos Deus a razão.

O emprego da razão é vencer as más paixões e conduzir-nos pela senda do dever.

O estudo da philosophia, minhas queridas leitoras, longe de nos ser pernicioso ou inutil, é pelo contrario tão util como importante.

Conhecendo nós a nossa capacidade intellectual é que poderemos tambem saber o que valemos.

Conhecendo nós as faculdades todas da nossa alma, é que poderemos distinguir o verdadeiro emprego dessas mesmas faculdades e o limite natural da liberdade.

O erro e o vicio só nascem da ignorancia da creatura; porque ignorando-se a si mesma, umas vezes passa além, outras vezes fica aquém da sua missão. Emprende impossiveis, ou recua sem saber porque. — O instincto nos guia — a intelligencia murcha como uma planta sem cultivo, e os sentimentos embotão-se faltos daquelle desenvolvimento necessario ao grau de perfectibilidade de que é susceptivel a alma, e assim lavramos a nossa desgraça, porque um *preconceito fatal* se interpõe entre nós e a verdade.

O organismo d'alma, as molas ou peças de que a alma se compõe, é o mesmo no homem que na mulher.

A unica differença que existe, é que sentimos com mais vehemencia e somos mais impressio-naveis.

O corpo humano não pôde ser alma porque esta é considerada como substancia immaterial, por consequencia o terrestre involuero d'alma não pôde, nem deve, prejudicar seu destino, que é o desenvolvimento das faculdades que a compõe.

O que vem a ser a alma? A philosophia o diz:

*« A alma é uma força que se desenvolve pela sensibilidade, intelligencia e liberdade: é uma substancia identica e unica, que se manifesta por seus sentimentos, suas ideias e por suas vontades. »*

A alma, é pois uma substancia—sensivel—intelligente e livre.

Eis, queridas leitoras, o que vós perscrutando o vosso incognito—eu—achareis, tão palpavel e exacto, como uma cifra arithmetica.

Sois sensiveis porque sentis; sois intelligentes porque pensais; sois livres porque amaes ou aborreceis e—sentis como sentis—sem que as

vontades tyrannicas, que as mais das vezes vos fazem vergar aos alheios interesses, possam reagir sobre vosso espirito ou sobre vosso coração, que a despeito dos vossos verdugos, *é livre*, e por isso ama ou desama segundo a livre faculdade que lhe outorgou o Creator!

Eu não quero dictar-vos um curso de philosophia, intento apenas fazer-vos comprehender o verdadeiro sentido da palavra e a verdadeira missão da sciencia.

Quero, por me'o desta breve resenha, demonstrar-vos sómente que não sois entes excepcionaes com uma unica missão no mundo.

A philosophia pois, já sabeis pela minha primeira lição, que é uma sciencia que se divide em tres partes.

A primeira é o conhecimento de nós mesmos; é a observação da alma a si mesma.

A segunda parte, que a sciencia chama logica, é simplesmente a arte de raciocinar, ou o conhecimento das regras debaixo das quaes devemos fazer os nossos raciocinios: o conhecimento da marcha que devem seguir as nossas faculdades no seu desenvolvimento.

A terceira parte trata dos deveres do homem para com Deus, para com a humanidade e para consigo mesmo.

Eis pois o *dragão das sete cabeças*, o *coco dos meninos*, o *phantasma do outro mundo*, com que se assustão os espiritos pequenos.

A falta de raciocinio, o nenhum costume de reflectir, é funesto á mulher, minhas queridas leitoras. Ninguém como nós necessita aprender a pensar debaixo das regras mais estrictas da prudencia, para não desesperar, e já não peiorar a nossa causa. A absoluta ignorancia em que se deixa a mulher é o motivo primeiro de sua desgraça.

Quando se não dá um emprego util ás faculdades d'alma, ellas degenerão em vicios atrozes.

A sensibilidade converte-se em sede ardente de emoções para satisfazer a actividade—a intelligencia ociosa procura saciar sua celeridade por meio de uma curiosidade sem fim de averiguações, que quasi sempre se referem á vida alheia—e a liberdade, agrihoadada e suffocada, torna-se em maldade insupportavel para com os outros.

Assim é, como tudo, quanto de mais nobre empregou a bondade Divina no intimo ser de sua creatura, que o preconceito funesto inverte, transtorna e desfigura.

Agora portanto que já sabemos o que vem a ser a philosophia—na proxima lição tratarei de dar-vos uma explicação bem succinta da primeira parte desta sciencia que é necessario vos acostumeis a chamar-lhe—psicologia.—

Minhas lições serão breves, porque temos muitos outros objectos de que tratar, e por minha vontade ensinar-vos-hia em um só dia tudo aquillo que julgo ser-vos util.

Quizera possuir esse dom extraordinario que presta a cada palavra o colorido da convicção profunda, e que vibra poderoso em todos os corações. Contentar-me-hei porém com a minha pouca capacidade.

### Oração da tarde

A' BORDO DE UM NAVIO.

O globo do sol, cujo brilho nossos olhos podião então supportar, quasi a se mergulhar nas ondas resplandecentes, apparecia entre os cordames do navio, e espalhava ainda o dia nos espaços sem limites. Dir-se-ia, pelo balançar da popa, que o astro radioso mudava a cada instante de horizonte. Os mastros, os aréus, as vergas do navio estavam cobertos de uma cor rósea. Algumas nuvens erravam sem ordem no oriente, donde a lua subia com lentidão.

O resto do céu estava puro; e o horizonte do norte formando um glorioso triangulo com o astro do dia e aquelle da noite, uma tromba carregada das cores do prisma se elevava do mar, como uma columna de cristal sustentando a arcada celeste.

Seria bem para lamentar, aquelle que, neste bello espectáculo, não reconhecesse a belleza de Deus!

Contra minha vontade correrão lagrimas de minhas palpebras, quando todos os meus companheiros, tirando seus chapéos alcatroados, vierão para entoar, com uma voz rouca, seu simples cantico a Nossa Senhora do Bom Soccorro, padroeira dos marinheiros.

Quanto era tocante a oração destes homens que, sobre um fragil pedaço, no meio do oceano, contemplavão o pôr do sol, sobre as ondas!

Como penetrava na alma, esta invocação do pobre marujo, á Mãe da dôr! Esta humilhação diante Aquelle, que ordeia as tempestades e a calma; esta consciencia da nossa pequenez á vista do infinito; estes cantos se estendendo ao longe sobre as vagas; os mastros marinhos ad-

mirados destes acentos desconhecidos, se precipitando no fundo de seus pegos; a noite se aproximando com seus embus'es; a maravilha de nosso navio entre tantas maravilhas; uma equipagem religiosa, penetrada de admiração e temor; Deus pendente sobre o abismo, com uma mão retendo o sol ás portas do occidente, com a outra erguendo a lua no horizonte opposto, e prestando, a través da immensidade, attenção á fraca voz da creatura: e's aqui o que não se saberia pintar, e o que todo o coração bem formado basta apenas para sentir.

Traduzido por E.....

### Poesia

#### A' mulher.

Dedicada a mlle. Emilia Eulalia Nervi.

Tudo deves, mulher, á lei de Christo:

Essa lei sacrosanta,

Que o jugo vil da escravidão quebrando

Teus direitos outorga.

Quando do paganismo as átras nuvens

Nosso globo entutavão,

Tu não eras do homem companheira

E sim a sua escrava.

Nessa Grecia, quiza civilisada,

Na bellicosa Roma,

Que o mundo de barbaro tratavão,

Do homem ao capricho

Tua sorte somente dependia

Tua vida sagrada.

Se não vires da cruz lustral brilhante,

Foge, fuge tremendo;

Esse sitio para ti é tormentoso

O despota ali reina

O prazer sensual só escutando.

Ah! vê d'Aurora o berço

Onde a lei de Moysa crua impera,

E onde em um serralho

Para o gozo d'um homem mil mulheres

Vegetão desgraçadas!...

Tambem vé no Indostão sobre a fogueira

A esposa subindo,

Porque o homem cioso não consente,

Que além do seu tumulo

Dos prazeres da vida a mulher goze

A seu carro jungida.

Nova lei no Calvario promulgada

A mulher emobrece,

D'uma Virgem no Ventre Immaculado

O Verbo s'incarnando

O amor conjugal é cousagrado

Pela voz do SENHOR

Canta, canta, mulher, hosana, gloria,

Ao filho de David:

Que os fóros teus, sublimes privilegios

Liberal te concede.

Pelo Padre J. C. Fernandes Pinheiro.

## Um dialogo domestico

EM 11 DE NOVEMBRO DE 1851.

Já te disse uma, duas, tres vezes, muitas vezes e sempre, que não de o, não quero e não quero franchinotes ca em casa para ensinar-me aquillo que eu nunca aprendi. Geographia e Francez ! ora e esta !... Vira de lingua e não lhe entenderei pala-ra !

— Mas meu pai, eu lhe prometto não fallar francez á sua vista, prometto não lhe pedir mais nada, nada mais, se me concede a permissão de aprender francez e geographia, já que nada mais ensinarão-me para distrahir-me da monotonia desta vida em que definho, sem nada saber de interessante, para ser util a mim e aos outros.

— Ora essa é boa ! bem boa ! E não aprende-te a cozer, a fazer crivos, rendas e pegamentos ? Tua tia não te ensinou as primeiras letras, o que mais queres, heim ? já não sabes a cartilha toda ? Ah ! pensas que has de saracutear a tal lingua franceza, para fazeres andar em carambola a minha e a cabeça de tua mãe ? e stás enganadissima. Olha, chega para aqui: quando me casei, ella e as reparigas todas desse tempo não sabião estas artes de be-liquies e be-liquifetes, que hoje dizem por ahí que se usão, nem essas modas de galimombas e rapapeis desses enjemonnhados estrangeiros, que tudo trazem para a terra estranha sem mais licença nem re erencia. Entrementes ali está tua mãe, gorda e nedia, n'aquella marquezada de sola, de cançando das fadigas do dia : criou-te e educou-te sem ser preciso nenhuma dessas bujigangas ; ora ves ahí ?

— Sim, meu pai, minha mãe com effeito é uma santa senhora, criou-me e á ella devo o que sou, mas isso não é bastante para me fazer feliz. Se ella quando casou não sabia francez, nem geographia, foi por que meu avô pensava como Vm. Por isso muitas senhoras d'aquelle tempo, depois de chingarem os escravos todo o santo dia, resavão o Terço, e o resto do tempo á noie levavão a murmurar da vida alheia e.... coitadas já a culpa vinha dos paes desse tempo !...

— Cala-te, lambisgoia, que não sabes o que dizes ; ainda estás fedendo a cueros e já a arribitas-me as ventas ! Pois estás enga-

nada. As senhoras de dantes erão trabalhadeiras e muito trabalhadeiras, Olá se erão ! Não vivião como pensas ; tua tia era muito boa doceira e es avatodos os dias sobre o tacho a fazer as bellas trouxas d'ovos e mil outras coisas saborosas que fazem lamber os beiços : tua prima, ninguem fazia empadas melhores que ella ; dia e noite trabalhando, le a a — quare-mas inteiras a vender taboleiros e taboleiros de empada, de que tinha bem bons lucros ; comprou dois e era os por vinte e quatro dobras ! D. Felicia, que ainda tu conheceste a sobrinha fazendo euvase pasteis folhados, tambem era uma insigne doceira, e outras muitas de que não me lembro agora os nomes, mas que erão muitas, mesmo muitas. E hoje o que se ve?... ve-se a senhora querendo aprender linguas para ser linguaruda, e ainda não sabe por um remendo, tomar pontos de meias, sergir uma camiza ! E o arranjo da casa ? ora adeus minha vida, hade ir pelos ares como vão as cabeças de Vms. todas, quando se mettem a querer saber aquillo que não devem. Está dito ; ha de ser o que sua mãe foi, e temos conversado. Ora eis ahí.

E a bella menina com tão bellas e louvaveis intenções teve de retirar-se de junto de seu pai, triste e com os olhos arrazados de lagrimas, vendo frustrados todos os seus desejos e louvaveis intenções....

O que iria ella pensando nesse momento ?

Ah... se esse velho materialão advinhasse em que podem desandar os bem entendidos desejos de uma senhora quando são bruscamente contrariados, (assim como acontece com elle tambem) mais que depressa satisfaria as justas pretensões de sua filha. Mas, louvado Deus, como estes ha muitos ainda, que entendem que a mulher quanto menos educada mais se amolda aos seus estupidos caprichos, sem se lembrarem que a madeira (permitta-me a comparação) quanto menos aplainada mais aspera e mais farpas tem !...

Educação ! *solida e verdadeira* educação ás nossas filhas ; para um dia bem dizermos a sua felicidade.

Sua, &c.

Christina.

**MISTERIOS DEL PLATA. (\*)**

**NEMESIS.**

O barco que acabavão de divisar era a Francisca de Rimini.

Os passageiros que vinhão a seu bordo conservavão-se ainda na posição que já fizemos conhecer ao leitor, porque, entre o momento presente e aquelle do nosso esboço, só tem decorrido um limitado espaço de minutos.

Ao sahir detraz da ilha, a gente da sumaca pô-le também avisar os homens que estavam sobre as ribanceiras do rio : nesse momento o homem da nodoi vermelha se puz ao leide, aprouou em direitura á terra e ordenou aos marujos que feressem as vélas.

Alcina, em um lance de olhos, comprehendeu as tenções do fingido patrão do barco.

Leve pallidez se derramou por um instante nas suas feições, e levantando seus olhos ao céu parecia repetir mentalmente as seguintes palavras :

*« Cumpra-se meu Deus a vossa vontade, seja no céu, seja na terra !*

D. Antonia olhou espantada em roda de si ; fatal presentimento veio pousar como uma louca sobre seu coração, e apertando entre as suas a mão de seu marido, duas lagrimas silenciosas correrão-lhe pelas suas faces.

Findou a nossa viagem, murmurou o doutor.

Ha momentos na vida humana, nos quaes, em frente á desgraça que nos fere em cheio o coração, aniquila-se completamente o grau de soffrimento e de resignação que pôde conter a alma de cada creatura.

Desgraças para as quaes não ha gemidos nem lagrimas ; em que a propria sensibilidade fica paralísada e muda !

Tão intenso se torna o soffrer, que curva nosso ser physico e moral, que nos leva até ao momento do trespasario ; e nossa cabeça horripilando-se, o cerebro altera-se nervoso, e nós sentimos os primeiros symptomas da loucura desenvolverem-se ali.

Tal foi a impressão que as breves palavras de Alcina deixarão em sua mulher.

Ellas encerravão a convicção de uma desgraça irremediavel, profunda e veloz !

Tocava o limite de uma espantosa realidade que em breve ia feri-la com todo o rigor !

Pobre mulher !

Creatura fraca e pequena ante os olhos do materialismo, o que viria a ser de ti, se nesse corpo fragil e delicado não tivesse collocado o CREADOR uma alma, tão amante e tão energica ! alma de esposa e de mãe, que no momento do perigo e para defesa dos caros objectos do seu amor, toma as proporções gigantescas da heroidade, cumprindo assim a missão mais sublime do seu destino.

A mulher de Alcina suffocou seu pranto, devorou sua afflicção, e se preparou com supremo esforço a tragar junto com seu bem amado esposo, o calice amargoso do infortunio.

O menino Adolfo, nascido entre o estrondo da revolução, embalado no berço pelas descar-

gas do canhão e do fuzil, já encontrava diante de si o cadafalso e o exilio ! Não obstante a sua tenra idade, também observou o que se passava a bordo ; deixou seu intertimento infantil, e com essa vaga inquietação, presagio infallivel da fatalidade, correu para o pé de seu pae, patenteando no perturbado olhar, que elle não estava alheio ao drama que ia começar.

O homem da nodoi vermelha lançou um olhar sobre os passageiros, e dice lá com os seus botões :

— Já sabem o que lhes aguarda.

Emquanto ao Dr. Alcina, desde que comprehendeu qual ia ser a sua sorte, como todo homem de coragem e de espirito, aceitou a sua nova posição.

Chamou para junto de si os seus dois queridos objectos, e com a dignidade tranquilla e augusta do homem de honra que tem a consciencia pura, esperou com firmeza que rebcutasse o raio, cuja nuvem estava formada sobre a sua cabeça.

A sumaca atracon á terra.

Naquelle momento, em ordem de destacamento com o juiz de paz á frente, descia pela ribanceira a gente da Estancia.

O interprete da lei transformado em homem de guerra (em favor do rei) trazia um ar tão marcial, tão guerreiro, e tão furibundo, como se elle sozinho fosse combater um exercito inteiro de selvagens unitarios.

Bom será prevenir o leitor, de que o insigne juiz de paz era um homem baixinho, gordo e barrigudo, com olhos desmesuradamente grandes e espantados ; seu pescoço curto e gordo desaparecia inteiramente entre dos hombros carnudos ; o resto da sua pessoa podia servir de typo á vulgaridade, não dos homens, mas sim da intelligencia na sua expressão mais mesquinha.

Ja pois marchando á frente dos seus peões, e, com o costume de todos os homens pequenos, esticava as pernas para andar com certa magestade comica, que não deixava que dar-lhe seus ares com Sancho-Pança enquanto foi governador da Insula Bavataria, carevendo comtudo o nosso heroe do gordo bom senso da personagem de Cervantes.

A sua chegada á bordo, o juiz de paz lançou em torno de si um olhar de furor, e com o tom mais decidido e imperioso chamou o patrão da sumaca. O homem da no loa vermelha adian'ou-se, com o seu boné de pelle de mono entre as mãos e com a cara de hypocrita toda compungida : o velhaco começou fallando com pronunciação acento estrangeiro :

— Servitore da V. Ex.

— Não tenho excellencia (retornou o juiz, não sem secreto pesar). Sou o juiz de paz do partido do Baradeiro, cuja costa é esta, e como encarregado de velar pela seguridade do paiz, venho saber para onde vae Vin. e que passageiros traz a seu bordo.

— Lo barco não mai pertende, le vais patrona, restó ferito a Montevidéo, a sumaca va caricata da casa di Antonini com mercancia e fa-

(\*) Vide o n. 9.

zende, vous sápete—Ponche, colette, chaquita, pantaloni... alíne tutto lo carimento que va poua lo porto di Goia, nella costa correntina. Apreset, lo passagiero, and the somand lhe ton soue co oro que V. A. ten na vista.

O juiz de paz teria preferido que o mestre falasse um idioma mais intelligivel, porque na longa relação que acabava de fazer-lhe, havia passagens muito escuras para a sua percepção, e palavras que não podia traduzir: felizmente para elle, lembrou-se a tempo que as vezes é melhor calar do que fallar, e fazer como que se sabe perfeitamente aquillo que nem sequer nos passa pela mente.

— É necessario que eu examine todos os papeis que Vm. traz a bordo, replicou o juiz, depois de uma pausa.

— Avec trop plaisir, apressou-se a dizer o homem da nodoa vermelha. Giovanni! acrescentou chamando pelo moço que na pequena equipagem da sumaca servia o duplo emprego de criado da camara e cosinheiro. Giovanni appareceu com as suas calças cheias de breu e seu boné de lã vermelha na cabeça.

— Sono qui, capitano, respondeu cortezmente o criado e cosinheiro.

— Una' velia per il signor Giudice e alcune botiglie di cerbeja: andiamo!

Giovani, acostumado a servir as carreiras, desceu a camara e subiu pouco depois carregado com uma cadeira de thesoura e uma porção de garrafas.

No espaço de tempo que decorreu, um silencio absoluto se observava a bordo: os gauchos, com a espingarda ao hombro, tinham a curiosidade de retratada no rosto.

Alsina sentado a ré com sua senhora e seu filho ao pé de si, mediante esse tacto fino e desembaraçado do homem de alta sociedade, mostrava a mais completa indifferença, nenhuma attenção dando aos ares furibundos do juiz, nem aos seus preparativos inquisitoriaes que tivera anunciado. Conversava com sua senhora reservadamente, e parecia explicar-lhe os differentes objectos que guarneçião a opposta margem do rio.

O juiz de paz, homem vulgar e estúpido, não podia comprehender a dignidade da conducta do exilado, e sentia augmentar-se a sua colera, que tão pouco respeito impunha ao selvagem unitario.

O velho Simão mal disfarçava seu desgosto, porque já via de antemão o fim daquella farça.

O f. n. tico Julão se conservava ao pé do juiz, e Miguel encarava com atonita surpresa o homem que por ordem do general Rosas elle havia entregado ás autoridades.

Longe de indignar-se á vista do proscripto, Miguel sentia uma emoção desconhecida que agitava-lhe seu coração pela vez primeira; aquelle grupo de tres creaturas ligadas por laços tão estreitos, cujas phisionomias eram tão cheias de distincção e tão amáveis, o interessava na sua sorte, a seu pezar.

Essa lei mysteriosa da sympathia que sentimos sem poder analysar, attrahiu o coração de

Miguel para a familia de Alsina; havia elle entregado o proscripto ás mãos de seus carrascos, e naquelle momento, só a vista do homem a quem votára á fatalidade, sem o conhecer, causava nelle uma resolução tanto mais terrível, quanto que o coração do joven estava virgem do impeto violento das paixões; e que pela vez primeira encontrava um ser nobre e grande, em favor de cujo immenso infortunio, sentia elle nascer terna piedade, e profundo respeito.

Pouca acitação merrecia a cerveja com que o mestre quiz obsequiar o Sr. juiz de paz e sua gente: por isso teve breve despacho, ficando o refresco quasi intacto.

O magistrado sentou-se e começou a revista dos papeis do capitão, sobre seus joelhos; como elles não continhão outra cousa que a factura de carregamento e o despacho d'alfandega; o juiz os entregou de novo ao fugido mestre e pediu o passaporte do passageiro.

O homem da nodoa vermelha tirou seu boné e começou a rolar-o entre as mãos, tossiu, coscou a cabeça, e ficou calado.

O momento da explicação era chegado.

O juiz de paz reassumindo toda a insolencia e descortezia de que era capaz, fez um—siu—imperativo ao Dr. Alsina e gritou-lhe:

— Paizano! já pedi o seu passaporte: cá o mestre fica á maneira de embatucado sem responder: — Ordeno a você, que me entregue seu passaporte; si é que você vija com elle; acrescentou ironicamente.

O proscripto apertou a mão de sua mulher, e levantando-se, adiantou-se para onde estava o juiz, tirou uma carteira da algibeira do seu paletot, e abrindo-a escolheu um papel, que apresentou ao inquisidor federal com estas palavras:

— Eis a ordem de minha deportação; estou persuadido que Vm. não ignora quem eu sou.

A frase surda: «É um selvagem unitario!» passou com leve murmúrio de boca em boca.

O juiz abriu o papel e depois de ler para si, ficou em silencio, como quem medita a resolução que vai tomar, considerando-a como acto da mais alta responsabilidade. A final com um tom o mais magestoso possível perguntou á misera victima da traição:

— Que ia Vm. fazer a Corrientes?

— Póde o senhor fazer ideia, vendo na minha companhia minha mulher e meu filho: ia estabelecer-me em Corrientes, e procurar o sustento de minha familia no exercicio de minha profissão.

— Ora, porque não confessa de uma vez suas tenções e vistas revolucionarias? Pensa que eu posso cá commungar com rodas de carreta?

— Tome sentido com quem falla (replicou friamente Alsina). Eu sou um caválheiro que Vm. deve respeitar e tratar como eu merreo; se vem apriouar-me, porque fui vilmente atraído, cumpra a sua missão e deixe-se de rodeios inuteis: eu não quero que ninguém commungue com rodas de carreta; eu não occulto as minhas opiniões politicas, porque não as considero um crime, quando a prudencia me aconselhasse de assim praticar nunca seria n'um

caso como este, em que de ante-mão já está condemnado.

— Isso é o mesmo que confessar que você é um selvagem unitario! Exclamou o juiz satisfeito do seu tato e sagacidade.

— Serei tudo quanto Vm. quizer, replicou o proscrito; ou serei tudo quanto lhe aprouver ao general Rosas, contra os homens que querem constituir o seu paiz e viver sujeitos á lei e não ao capricho de um *mandão!*

— Silêncio! cale-se!... você é um nojento selvagem unitario! gritou o juiz, quasi que afogado de colera, que?! pretende você criticar a *conducta do governo?! . . .*

D. Antonia, interpoz a sua mediação para fudar a questão, supplicando ao mesmo tempo ao juiz para que os deixasse continuar a sua viagem tranquilos, empregando nesta supplica as manciaras mais amáveis com que a infeliz senhora procurava domar a sanha do tigre.

— Não póle ser, senhora!... foi a resposta do juiz; é necessario que eu sirva á causa americana e a santa causa da federação e a da Confederação Argentina, é debaixo deste dever de patriota que ordeno ao selvagem unitario Valentin Alsina, inimigo acerrimo da patria e do illustre restaurador das leis, que se entregue prisioneiro. E concluindo este rasgo de eloquencia, o magistrado se poz em pé, lançando em roda de si olhares de triumpho, e dirigindo-se aos seus peões, no mais alto grau de enthusiasmo, exclamou:

Paizanos! Viva o illustre restaurador das leis!

Viva! responderão em coro os gauchos.

Viva a federação!

Viva!

Morrão os selvagens unitarios . . .

Morrão . . . morrão . . . Morrão mil vezes . . . gritou Julião:

Morrão! morrão! repetião com encarniçamento e frenesi os *illudidos campeiros.*

— Vamos para a terra, disse o juiz. É necessario fazer o processo verbal ao preso; depois será conduzido a Buenos-Ayres e posto á disposição de S. Ex.

Aleina ouviu sua sentença, sem a mais pequena apparencia de desgosto; não assim sua mu-

lher e seu filho, que ape tando-o em seus braços, romperão em pranto.

Dois homens não puderão ficar indifferentes a esta scena de profundo e mudo pezar.

O velho Sinão e o aventureiro Miguel; elles euxugarão uma lagrima involuntaria, que lhes passou despercebida no meio do furor e da agazarra dos outros.

(Continua.)

### o Catette.

Ha muito que o bairro do catette e os seus amadores ja devião ter cuidado de instituir um ponto geral de reunião, para certo e determinado numero de socios com suas familias abi passarem algumas noites do mez, entre os prazeres de uma partida familiar, tão reclamada nos diversos pontos desta corte.

Consta-nos que essa ideia está encelada, e que algumas pessoas de toda a consideração tratão de instalar no catette uma destas reuniões; pelo mesmo systema da sociedade Philuterpe, composta de cantoria e dança, cujas partidas serão semanaes e debaixo de um rigoroso *toilette* simples. A agencia da parte musical está confiada aos Srs. Guilmet e Amat.

Fazemos votos para que essa sociedade se realize e prospere a par dos bons dezosos de ses Srs. influentes.

*Estrella.*

Acompanha a este numero o figurino do ultimo mez do 1.º trimestre. Para o numero que vem mimosearemos as nossas Assignantes com uma interessante musica.

## JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tun em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna molinha brasileira, romances francezes em musica molles e riscos de bordados.

SUBSCREVA-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN & COMP. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGE n. 87' rua do Ouvidor; e na Typographia de Santos e SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA Assignatura: Por tres mezes 30'000 rs. na Corte, 40'000 rs. para as Provincias.

Os trimestres conta-se de Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro.— Typographia de Santos e Silva Junior, Rua da Carioca n.º 32.